

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA¹

Tatiane Kely Queiroz Falcão²

RESUMO

No presente artigo propomo-nos abordar a violência escolar que se manifesta através do fenômeno conhecido como bullying. A violência escolar assume dimensões dramáticas e preocupantes na sociedade contemporânea, e o bullying é uma dessas formas de violência, praticada de forma recorrente por crianças e jovens no período da escolarização, com repercussões sem precedentes na formação da psique e da personalidade, tanto daqueles que o praticam e, sobretudo daqueles que são vítimas desse ato de violência escolar. O ensaio tem como propósito analisar os procedimentos dos agressores causadores do bullying bem como os seus impactos nas vítimas, com o intuito de fornecer dados teóricos e empíricos que possam vir a subsidiar o (a)s educador (a)s na intervenção deste mal que afeta, sobretudo a comunidade escolar. Foi realizada a coleta de dados através de dados bibliográficos, páginas de relevância na internet, caracterizando-se como artigos e textos contemporâneos sobre o tema.

Palavras-chave: Assédio nas escolas. Orientação educacional. Violência na escola.

ABSTRACT

This article lends itself to studying school violence that manifests itself through the phenomenon known as bullying, in the school context. School violence takes on dramatic and worrying dimensions in contemporary society, and bullying is one of those forms of violence, which is repeatedly practiced by children and young people during schooling, with unprecedented repercussions on the formation of the psyche and personality, both those who practice it and, above all, those who are victims of this act of school violence. The study aims to identify the causes and consequences of bullying, with the aim of providing theoretical and empirical data that may come to subsidize the educator (s) in the intervention of this evil that affects, especially the learners' community. Data collection was carried out through bibliographic data, research pages on the Internet, featuring contemporary articles and texts on the subject.

Key words: Bullying in schools. Educational orientation. Violence at school.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA), sob orientação do Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares.

² Graduanda em Pedagogia e Bacharela em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A violência escolar é um dos fenômenos mais preocupantes que permeiam os processos educacionais e os sistemas escolares no século XXI. A imprensa nacional e internacional tem divulgado, de forma recorrente, cenas dramáticas de violências que vêm ocorrendo nas escolas, com particular incidência nos países ocidentais como Estados Unidos, Europa e América Latina. Esses episódios, para além de refletirem a dimensão específica da violência que perpassa as instituições escolares, um pouco por todo o mundo ocidental, refletem, igualmente, e de forma mais genérica, a imagem de uma sociedade contemporânea cada vez mais doentia e incapaz de equacionar soluções para dirimir conflitos sociais, psicológicos e psiquiátricos que afetam as pessoas no mundo globalizado. Segundo as teorias da reprodução cultural, designadamente na expressão de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, as escolas, via de regra, reproduzem a violência reinante na sociedade onde elas estão inseridas. Nessa aceção, a compreensão da violência escolar requer, a priori, o estudo da violência social como um todo, o que significa que a violência escolar não pode ser compreendida como um caso isolado.

Sem a pretensão e o risco de querer interpretar a violência escolar na perspectiva estruturalista e/ou funcionalista, torna-se necessário relacionar a violência escolar com a violência mais abrangente das sociedades e comunidades nas quais as escolas se encontram inseridas e com o próprio sistema mundo, sobretudo no que concerne à relação entre a violência escolar, violência doméstica e/ou familiar, violência urbana e juvenil. Essas relações são fundamentais para poder desvendar com melhor propriedade as causas da violência que assolam as escolas no mundo ocidental. Não significa, contudo, que a violência escolar não tenha as suas especificidades, no contexto do cotidiano e da cultura escolares. Por exemplo, o bullying que pode ser considerado uma das formas mais frequentes da reprodução da violência dentro das escolas, assume uma dimensão particular no contexto da cultura e do cotidiano escolar. Porém, o estudo do bullying, no âmbito da violência escolar, pressupõe, do ponto de vista metodológico, o desvendar dos fatores externos ao ambiente escolar que lhe estão subjacentes, o que pressupõe o estabelecimento de relações como a origem social e familiar tanto das crianças que praticam o bullying como aquelas que são vítimas. No presente artigo proponho analisar as manifestações do bullying no espaço escolar, assim como os limites de uma intervenção pe-

pedagógica. O meu interesse nessa temática está relacionado com a minha trajetória acadêmica e história de vida, sobretudo, quando fui aluna no ensino fundamental, em que fui vítima dessa forma de violência dentro do âmbito escolar, uma situação que me afetou psicologicamente deixando marcas que ainda carrego comigo. Imagino que muitos jovens já tiveram que enfrentar este fenômeno que por muitas vezes foi banalizado, sendo tratado como algo normal e quase legal no cotidiano das escolas deste país. Pela minha experiência de vida sei o quanto essa forma de violência afeta o comportamento e a formação da personalidade de crianças, adolescentes e jovens em idade escolar, vejo que a grande maioria das escolas e o próprio sistema educacional brasileiro não têm dado conta de lidar com essa violência, feito muito pouco no que se diz procurar soluções que auxiliem os profissionais da área de educação no enfrentamento do problema.

Com isso pretendo analisar o fenômeno da violência escolar configurada no bullying, no sentido de procurar compreender suas causas na relação entre a escola e a sociedade, bem como as suas consequências nos comportamentos e atitudes tanto daqueles que praticam o bullying como os que são suas vítimas. É pertinente a abordagem deste tema nas escolas, pois nos ajuda a pensar em estratégias de intervenção. Em alguns casos criei a percepção de uma falta de preparo institucional para o enfrentamento no interior das escolas. O que se torna indispensável, é preciso pensar em estudos que dialoguem como ocorre a reprodução da violência, e quais práticas podem amenizar as consequências deste fenômeno. Estudos como este podem auxiliar as escolas no diagnóstico dos casos de violência com mais facilidade.

É importante trazer para as escolas mecanismos legais e pedagógicos para solucionar o problema do bullying, equacionando os conflitos quando eles surgem dentro das salas de aulas. Acredito que os estudos sobre o bullying só terão eficácia e pertinência social, na medida em que partem da análise do cotidiano escolar, considerando os sujeitos que corroboram a construção social da escola como fontes privilegiadas de informações sobre o fenômeno da violência escolar, configurado pelo bullying. Isso requer não só a presença prolongada do pesquisador dentro das escolas, mas é fundamental que a pesquisa envolva de forma democrática a participação de alunos, pais de alunos, professores e funcionários das escolas enquanto participantes da pesquisa. O meu propósito no presente artigo é enfatizar os efeitos deste fenômeno em longo prazo, a fim de destacar a importância do preparo peda-

gógico para intervir em situações no qual o bullying se manifesta dentro do cotidiano escolar. O estudo visa contribuir com dados teóricos que possibilitem, de alguma forma, aos dirigentes escolares e aos educadores a implementação de medidas legais e pedagógicas no enfrentamento da violência escolar.

O bullying constitui um dos maiores problemas da violência escolar na contemporaneidade, ameaçando a própria segurança dos sujeitos que interagem na construção social do cotidiano escolar. Essa forma de violência assume variadas configurações, desde as agressões físicas e verbais até ao uso de armas como formas de agressão e/ou defesa dentro das escolas. Perante o quadro acima referido, tornam-se necessários estudos e pesquisas com vista a desvendar as causas e as consequências, tendo como pergunta de partida: Como intervir pedagogicamente nas práticas do bullying? Neste aspecto, importa-se, sobretudo questionar: qual a relação entre escola/comunidade e escola/família na prática de bullying? Em que medida a relação professor/aluno interfere na prática de bullying? Qual a relação entre o bullying, a socialização nas escolas e o aproveitamento escolar? Estas e outras questões devem orientar o presente artigo que parte do pressuposto de que a naturalização do bullying na cultura escolar deve ser um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento de estudos e projetos que visam à busca de soluções teóricas e empíricas para o enfrentamento do problema da violência escolar.

A escolha deste tema originou das experiências vividas ao longo da minha trajetória acadêmica, no qual ficaram perceptíveis como esses atos que ocorrem no espaço da escola interferem de forma negativa deixando graves sequelas na vida de crianças, adolescentes e jovens em idade escolar e por vezes na própria vida adulta. A tendência é levar com que os sujeitos vítimas do bullying se refugiem em “grupinhos”, pondo em causa a sua própria socialização dentro do espaço escolar. Isso por vezes tem repercussão na sua socialização futura na vida adulta e profissional.

Para a realização do presente estudo e tratando-se de um campo de pesquisa na área da educação que requer, para a sua efetivação, tanto o conhecimento de políticas públicas, quanto o estudo das representações sociais sobre a violência escolar e particularmente do bullying, propúnhamos inicialmente uma abordagem metodológica quali-quantitativa ou mista que possibilitasse ao mesmo tempo o levantamento quantificado de dados e informações sobre o objeto da pesquisa, quanto à análise qualitativa dessas informações com vista à construção do artigo. Entretanto, por causa da pandemia e a conseqüente impossibilidade de efetuar pesquisa de

campo que envolve contatos pessoais e diretos com os sujeitos da pesquisa no cotidiano escolar, acabamos por limitar o presente estudo a um ensaio, abordando a problemática do bullying na perspectiva teórica e conceitual articulada com a nossa trajetória enquanto alguém que passou pela experiência do bullying. Reiteramos que a concretização de um estudo mais aprofundado, envolvendo o trabalho de pesquisa de campo, fica para a posteridade no período pós-pandemia, o que implicará a abertura e o aceso ao cotidiano escolar como campo privilegiado para a construção de saberes pedagógicos.

2 BULLYING: ABORDAGEM TEÓRICO E CONCEITUAL

O bullying constitui um dos maiores problemas da violência escolar na contemporaneidade, ameaçando a própria segurança dos sujeitos que interagem na construção social do cotidiano escolar. Essa forma de violência assume cada vez mais variadas configurações, desde as agressões físicas e verbais até ao uso de armas como formas de agressão e/ou defesa dentro das escolas. Segundo Martins 2005 há três grandes formas do bullying se manifestar, sendo elas: Directo e Físico, Directo e Verbal e Indirecto.

Directo e físico inclui bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés, roubar objectos que pertencem aos colegas, estragar os objectos dos colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade; Directo e verbal, que engloba insultar, chamar nomes ou pôr alcunhas desagradáveis, gozar, fazer reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência dos colegas; Indirecto, que se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares como forma de obter algo do outro ou como retaliação de uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, em suma manipular a vida social dos pares. (MARTINS, 2005.p.104)

A expressão surgiu na Noruega especificamente na década de 80, decorrente das pesquisas de um professor na Universidade de Bergen, Dan Olweus conhecido como pioneiro nos estudos sobre bullying. Olweus foi responsável por desenvolver pesquisas que identificaram os problemas que poderiam ser adquiridos em conse-

quência do bullying. O mesmo definia o bullying escolar como ataques repetidos de um aluno dominador sobre outro estudante vitimizado (OLWEUS, 1997).

O termo passou a ser conhecido resultante de muitos casos de violência registrados dentro das escolas, que é uma das suas formas mais comuns de aparição. A expressão tem origem na palavra bully que se traduz como valentão/brigão. Tendo essa perspectiva da palavra, pode-se fazer uma leitura do bullying como ações violentas de um determinado/a indivíduo, podendo ser elas agressões físicas ou verbais, tendo o poder de deixar sequelas para além daquelas que podem ser vistas.

Em síntese, considerando o que é consensual nas várias definições, podemos reconhecer o bullying escolar nas situações em que um aluno, ou um grupo de alunos, causa intencionalmente e repetidamente danos a outro(s) com menor poder físico ou psicológico. Esta assimetria de poder se faz presente mesmo quando só existe na percepção da vítima, que se sente incapaz de reagir à agressão. (RISTUM, 2010.p.97)

Muitos autores concordam no que diz respeito ao conceito do que é, e como o bullying tem se manifestado nas relações entre os jovens. Em sua maioria são expressas ações de cunho agressivo na tentativa de exercer autoridade sobre o outro. Esse tipo de comportamento em alguns casos está ligado diretamente à necessidade do indivíduo em se mostrar superior ou com poder diante de quem é vítima das ondas de ataque.

Em resumo, os estudos revistos e as definições propostas para o bullying parecem indicar que as condutas de bullying podem ser ou não uma manifestação de distúrbio do comportamento, podem ou não ser violentas, podem conduzir ou não à delinquência, porém são sempre uma manifestação de conduta agressiva entre pares, envolvendo algum tipo de domínio ou abuso de poder de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, sobre alguém que se encontra indefeso. (MARTINS, 2005.p.108)

Sendo assim, podemos classificar alguns papéis desempenhados pelos alunos no ambiente escolar na prática do bullying como: alvos/vítimas os que sofrem com a prática; alvos/autores os que são vítimas, mas que também reproduz com outros indivíduos; autores os que só praticam o bullying; testemunhas são aqueles que presenciam atitudes e ações da prática do bullying, mas não se envolve em suas práticas, não sofre e nem reproduz essa violência. Temos ainda o cyberbullying que são ataques realizados através da internet e outras ferramentas do mundo virtual, mais um meio de realizar ataques fora do âmbito escolar.

Contudo, independente de como o bullying tem se manifestado é importante entender qual a causa principal que levam jovens a atacar e reproduzir essa violência dentro e fora das escolas.

3 IMPACTOS DO BULLYING

Apesar da pratica do bullying impactar de forma negativa a vida do individuo, por muito tempo ela não era reconhecida como uma violência. Com isso, não existia um diagnóstico e nem uma preparação para lidar com situações decorrentes deste fenômeno dentro dos ambitos escolares. Foi só depois de grandes repercussões da imprensa internacional e nacional, cenas dramáticas de violência que vinham ocorrendo nas escolas em decorrência do bullying, que ocorreu um despertar para as consequências.

Um exemplo dos efeitos nocivos desse fenômeno foi a tragédia na Columbine High School, em 1999, que, por seu destaque na mídia local e internacional, chamou a atenção de governantes, especialistas no assunto, familiares e pesquisadores (Vieira, Mendes, & Guimarães, 2009). Ainda na perspectiva dos efeitos nocivos, o estudo de Bandeira e Hutz (2010) revelou que o bullying pode ter um impacto negativo na autoestima dos alunos.(OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2013.p. 204)

Toda e qualquer tipo de violência deixa uma marca em quem a sofre, seja ela física; psicológica ou emocional. Tratando especificamente do contexto escolar, o bullying pode afetar psicologicamente resultando em comportamentos e ações que podem refletir de forma negativa na relação interpessoal do indivíduo, na esfera emocional, impactando na sua interação social, gerando problema com ansiedade e depressão, baixo rendimento escolar e até mesmo abandono da escola. O sentimento de não ser capaz de realizar tarefas simples também está presente e meche diretamente com o desempenho escolar.

Alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Evidentemente, as crianças e adolescentes não são acometidas de maneira uniforme, mas existe uma relação direta com a frequência, duração e severidade dos atos de bullying.(LOPES NETO, 2005.p.168)

O período escolar marca as nossas vidas, passamos uma parte do nosso dia com pessoas que têm costumes e práticas diferentes das nossas, precisamos nos adaptar a uma nova rotina. As minhas memórias do ensino fundamental são bem claras, estudei em uma escola municipal do meu bairro na cidade de Santo Amaro, era uma professora negra que ministrava todos os componentes do currículo, exceto educação física. Lembro-me que nessa época começaram os ataques de bullying, era caçoada pela minha aparência física, sempre fui muito magra então recebia muitos apelidos referentes à minha aparência física, meu cabelo, boca e até mesmo a minha personalidade. Não me lembro de receber nenhum acolhimento escolar, muito menos de haver alguma intervenção pedagógica por parte da direção e da professora. A meu ver isso dava para as crianças que praticavam o bullying o sentimento de impunidade, então se nada acontecia significava que elas poderiam prosseguir com as “brincadeiras”. A minha interação com os outros alunos mudou e de vítima passei a ser a agressora em uma vã tentativa de me proteger. Nenhum dos responsáveis pela instituição se empenhou para reverter essas cenas que aconteciam diariamente, situação que me fez perder a confiança em outras pessoas, tanto que deixei de falar o que acontecia comigo, carregando a culpa e responsabilidade. O processo de conscientização foi longo, depois de um tempo me dei conta das minhas práticas.

Para muitos é difícil falar sobre as sequelas provenientes do bullying. O meu interesse particular em abordar esta temática surgiu depois de longas reflexões e análises de alguns comportamentos que vinha desenvolvendo, como a falta de interesse em me autofotografar, sorrir, me inferiorizar e problemas com autoestima no que diz respeito a minha aparência física, meus traços negros e até mesmo a minha personalidade, estava ligada a violência sofrida no período escolar. Naquela época não tinha consciência do que era o bullying e nem tão pouco da bagagem que ele deixaria para eu carregar. Enquanto vítimas, pensamos que ao nos tornarmos “adulto” vai passar e que é somente uma fase, porém até a atualidade consigo enxergar as sequelas deixadas. No meu caso, a violência nunca interferiu no meu rendimento escolar. Contudo, mexeu diretamente com as minhas relações interpessoais me tornando desconfiada, insegura esperando sempre o lado negativo, não me sentia capaz de conquistar pequenas coisas, sejam elas profissional e até mesmo afetiva.

Pessoas que sofrem bullying quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antisociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros. (LOPES NETO, 2005.p.168)

É notório que as consequências deste fenômeno podem ser variadas, e cada pessoa poderá reagir de uma forma. Para alguns é comum não reagir e evitar a interação social sem buscar algum tipo de ajuda, para outros revidarem, ou seja, reproduzir essas práticas os torna menos vulneráveis. É importante compreender que a reação defronte ao bullying, não será a mesma para cada pessoa, para alguns o impacto e o peso de suportar a violência é maior, o que acaba afetando diferentes áreas da sua vida.

São, assim, consequências comuns àqueles repetidamente vitimados pelo bullying: baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade. Nesse sentido, a presença ou não de um bom suporte familiar pode ser decisiva para que o infante supere as situações traumáticas vivenciadas ou, ao contrário, entregue-se ao isolamento social como uma forma de fuga e proteção contra as agressões. A situação pode, ainda, progredir para transtornos psicopatológicos graves, como fobias e depressões com idéias suicidas ou, por outro lado, fomentar desejos intensos de vingança. (REVISTA ELETRÔNICA DO CEAFF. PORTO ALEGRE - RS. Vol. 1, n. 2, 2012.p.03).

As consequências negativas podem ocorrer de forma imediata ou em longo prazo. Impactando a vida do indivíduo em distintos níveis. Interferindo não somente quem sofre ou já sofreu com o bullying, mas afetando a forma como ela interage na sociedade tendo dificuldade em comunicar-se e manter relações, mexendo com sua autoestima já que em muitos casos o bullying está ligado diretamente com a aparência física, intimidação e até mesmo com a personalidade. Os comportamentos agressivos são um problema que por muito tempo foi naturalizado, não era tido como um problema logo os atos de violência eram ignorados, o que possivelmente poderia causar aos indivíduos uma sensação de impunidade já que não eram responsabilizados pelos seus atos. A prevenção para casos de violência dentro e fora do âmbito escolar constitui uma indispensável medida na saúde pública, por isso é necessário pensar neste fenômeno em um problema que envolve toda a sociedade, portanto necessita da atenção da mesma.

4 CULTURA ESCOLAR E VIOLÊNCIA

A violência e suas diferentes manifestações tem sido um problema de várias gerações. Que está presente em toda e qualquer sociedade. Nas escolas ela é expressa com diferentes significados e manifestações, podemos compreender que no âmbito escolar ela pode ser classificada como: violência na escola, da escola e contra a escola. Seria possível atribuir práticas de violência à grande diversidade que existe nesse ambiente? Aos diferentes contextos sociais? As diferentes interpretações que são dadas quando se diz respeito à violência escolar? É preciso buscar a compreensão de como a violência tem se instalado na cultura escolar e como tem se expandido.

A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (punições, castigos corporais). Na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos. (ABRAMOVAY & RUA, 2002.p.21)

Segundo Morrone (2006), a violência verbal ou física atingiu 42% dos alunos da rede pública. A violência não se caracteriza apenas por física, por isso com este estudo procuramos tratar mais uma forma de violência, a qual tem atingindo uma grande porcentagem nas escolas, o bullying que também contribui para tornar essa fase que todos nós passamos em algo hostil, é uma cicatriz que carregamos.

A violência psicológica ou agressão emocional, tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada pela rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. É uma violência que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente provoca cicatrizes para toda a vida. (MORRONE, 2006)

De acordo com a LDB, lei de nº 9.394/1996, seção III, Art. 32º, do inciso IV, o ensino fundamental de rede pública tem por obrigação o fortalecimento dos vínculos de famílias, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. A escola é o primeiro contato social que o indivíduo tem longe dos laços familiares, nos é permitido enxergar a distinção dentro desse espaço, e

ainda nos dando a oportunidade de estabelecer uma comunicação com uma figura que até então não conhecíamos.

A escola tendo esse papel de ser um mediador social precisa ser enxergada pelos jovens como o lugar de crescimento, acolhimento social, para jovens que já estão propícios a criminalidade; a escola e seus educadores tem a incumbência de ser modelos de identidade isso porque a instituição deve desprover qualquer tipo de julgamento direcionado, evitando classificações morais que tendem a estabelecer o “bom” e o “mau” aluno desencadeando sentimentos de repulsa, isolamento por não se enquadrar nesse modelo pré-definido. Para Soares, (2006, p.287) “A escola terá também de evitar as classificações morais que impedem a mudança pela aplicação reificadora de rótulos: “o mau menino, o que não-tem-jeito.”

É preciso fortalecer a participação familiar no processo de construção social que acontece durante o período educacional. Pensar que a interação da família juntamente com a escola trará resultados satisfatórios. A ideia é criar ações coletivas que integrem tanto os familiares quanto os professores, a fim de não responsabilizar somente a escola por um trabalho que precisa do apoio e da participação da parentela. A compreensão e o apoio da comunidade possibilitam que toda e qualquer medida de prevenção possa ir além dos muros deixando de ser algo aplicado somente na escola. Para amenizar o efeito do chamado fenômeno de violência é preciso muito mais que a implantação de medidas de segurança, ou um castigo aplicado pela instituição.

A escola é vista como um local para a formação educacional do indivíduo, no qual tem o objetivo de alfabetizar e analisar o desempenho dos alunos através de testes e provas. Com tudo, a escola exerce um papel que vai além do de educar e avaliar, ela prepara o aluno para o convívio com a sociedade mesma que de forma implícita. É dentro do espaço escolar que fazemos nossas primeiras interações com indivíduos que não fazem parte do nosso ciclo familiar e começamos a compreender o nosso papel dentro da sociedade. As atitudes agressivas que acontecem dentro do âmbito escolar, devem ser de interesse não só da escola ou família, mas de toda sociedade. A forma que o indivíduo se comporta dentro deste espaço de formação poderá refletir na sua interação fora dela.

Dentro do âmbito escolar assim como fora dele, o aluno precisa ser compreendido como um indivíduo que têm as suas especificidades e sua própria bagagem de conhecimento, o que o torna capaz de dialogar sobre os seus interesses e o que

eles presenciam dentro deste espaço. O diálogo é fundamental em qualquer relação, é preciso parar para ouvir o outro pra conseguir compreender certas atitudes e comportamentos. Na relação professor/aluno não pode ser diferente, o educador precisa abrir espaço para ouvir seus alunos e entender as suas inseguranças, desejos e sonhos, a fim de estreitar laços e quebrar o distanciamento que naturalmente foi criado entre educador e educando. A ideia é integra-los em assuntos que os envolvem, dialogando e buscando a solução juntos.

As atividades de ruptura de alguns comportamentos agressivos, de baixa auto-estima e preconceitos, medos e silêncios de alguns professores diante do conhecimento de situações graves de violência envolvendo alunos demonstraram o potencial transformador da escola no sentido de ampliar o diálogo sobre essa questão, diminuindo as distancias entre educador-educando, revertendo alguns comportamentos agressivos, de baixa auto-estima e apatia de alguns alunos. (NJAINÉ e MINAYO, 2003, p. 132-133).

Com isso, a problemática em torno do bullying não se restringe somente á escola ou aos educadores como formadores de individuo. Essa formação, ou tratamento deve ser algo continuo em todo e qualquer espaço que esse jovem transite equilibrando entre educador e família essa responsabilidade da formação do individuo; dialogar sobre o bullying, dentro e fora do cotidiano escolar, levando além dos muros da instituição e tratando o assunto com mais seriedade e deixando de naturalizar as praticas do mesmo fazendo com quê exista confiança do jovem em conversar com alguém a qual se sinta seguro para falar sobre suas experiências particulares.

5 PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Compreendendo os efeitos causados pela violência do bullying, torna-se indispensável pensar em estratégias de prevenção e quando necessário à intervenção a fim de encerrar a cultura de violência dentro das escolas. Apesar de serem frequentes casos de violência dentro das instituições, não é raro funcionários e pais não denunciarem a prática do bullying. O questionamento que surge é, como intervir em casos de bullying? Primeiro é preciso que toda a comunidade escolar esteja ciente do que é, e como essa prática pode se manifestar. A escola precisa de um plano de prevenção, no qual todos os funcionários precisam compreender como identificar e agir diante de determinadas situações, é importante envolver todo o corpo de

funcionários no que diz respeito às medidas estabelecidas dentro da escola a fim de enfatizar que de forma alguma a prática do bullying sairá sem algum tipo de intervenção, é preciso intervir ao menor indício de violência. Desse modo, tanto agressor quanto a vítima terá a visão de que a escola se importa com aquele espaço, e o que acontece dentro dele.

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. (LOPES NETO, 2005.p.169)

Incentivar a diversidade dentro do espaço escolar, encorajar os alunos a não levar adiante práticas de violência, e até mesmo a supervisionar atos de bullying com o intuito de disseminar uma cultura que se estabeleceu onde muitos presenciaram os ataques e não se manifestam, nesse caso são intituladas como testemunhas, elas podem influir no estímulo e até mesmo na inibição dos ataques. Por isso o enfrentamento dos colegas diante de situações de violência expressa aos agressores que eles não terão apoio e que o grupo não concorda com suas práticas.

A participação da família é fundamental, é importante que as crianças sintam que serão acolhidas tanto na escola quanto em suas casas. O problema não deve ser ignorado, por isso é relevante uma parceria entre a escola e família. A instituição terá esse papel de explicar os impactos que poderão advir em decorrência das práticas do bullying.

[...] é certo que não basta o trabalho de conscientização contra o bullying somente no âmbito escolar, entre professores e alunos: os pais precisam ser alertados sobre sua responsabilidade no agravamento do fenômeno, pois que servem tanto como exemplos de identificação para os alunos violentos, quanto como influência na vulnerabilidade dos que costumam ser intimidados. Isso chama à baila a necessidade de prevenção sistêmica ao problema em tela. (REVISTA ELETRÔNICA DO CEAFF. PORTO ALEGRE - RS. Vol. 1, n. 2, 2012.p.18)

Lidar com atos de violência não é fácil. Tratando-se do ambiente escolar é ainda, mais complicado, são indivíduos em um ambiente que não possui as mesmas práticas, costume, ideias e que precisam aprender a conviver com o outro, respeitar e ainda assim não deixar de ter sua identidade própria. O trabalho da escola não

acaba no portão, a ação realizada dentro do âmbito escolar precisa refletir também para fora dos portões, deste modo teremos a certeza que o trabalho que vem sendo realizado está alcançando o seu objetivo de conscientizar indivíduos sobre os seus atos e suas possíveis consequências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sequelas deixadas pelo bullying podem não ser vistas fisicamente, o que faz muitos duvidarem do real perigo deste fenômeno. Por muito tempo os ataques foram ignorados, conseqüentemente naturalizados. Trabalhar com a prevenção e intervenção dentro das escolas é uma necessidade que envolve professores, funcionários, pais, alunos e poderes públicos. Não podemos isentar as autoridades de pensar e efetivar políticas públicas que priorizem condutas de prevenção do bullying nas escolas, assim como a preparação de profissionais da educação para assegurar o processo educacional sem abusos, negligencia para que a escola torne-se um local de inclusão e não de exclusão. A escola precisa ser um ambiente de acolhimento, no qual o individuo consiga sentir-se seguro.

O comportamento dos alunos varia entre os mais velhos para os mais novos, ou pelo aspecto físico entre outros pontos que foram citados ao longo deste trabalho, numa relação de “poder” ou exibição, não se posicionar ou não interferir quando necessário nos torna conivente, ainda que inconscientemente. A impressão que se tem é que existe uma dominação, ou uma tentativa de impor medo, como uma forma de mostrar poder aos demais. Muitas vezes essa é a forma que eles encontram de não se mostrar vulneráveis diante daquilo que eles consideram uma ameaça.

Existe um problema em lidar com a violência nas escolas, existe um discurso sobre como se deve agir diante de casos de violência, entretanto na prática surgem limitações, tanto no que se refere à instituição quanto para os educadores e demais funcionários. O despreparo que as escolas enfrentam prejudica todo o corpo estudantil; não se aprofundar sobre o tema na escola, resultará no aumento de casos do bullying entre outras violências.

O bullying se manifesta no espaço escolar, distante dos olhares dos/das educadoras ou do responsável pela direção da escola. É necessário derrubar a naturalização deste fenômeno. As pessoas e os sujeitos da escola (direção, pais, professo-

res e, sobretudo alunos) precisam compreender o quanto essa forma de violência pode atrapalhar o convívio social e psicológico e outras dimensões da vida de quem sofre ou já sofreu com bullying. É crucial fazer uma interface entre família e escola no sentido de combater a violência escolar e particularmente o bullying que é a forma de violência mais recorrente.

A ausência da autoridade e de um regulamento disciplinar constituem problemas sérios na prevenção e combate contra o bullying. A ausência e ou indiferença dos pais constituem também outro empecilho. É fundamental que os alunos sejam instruídos tanto na família e na comunidade, quanto e sobretudo na escola, de forma a não praticarem o bullying. É preciso desnaturalizar o bullying como fenômeno da cultura escolar e para isso é necessário que os agentes envolvidos na construção social da escola estejam informados sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. ; RUA, M. G. . **Violências nas Escolas**. 2. ed. Brasília: UNESCO, v.1 2002.

BACOS. R. M., Estudo sobre violência na escola e suas principais tipologias. Juiz de Fora- MG, **Revista Uemg**, v. 1, n. 1 (2014).

CAMPELLO C., Violência na escola: um protesto contra a exclusão social, Salvador, **Bahia Análise & Dados**- v.11 n.1 p.28-31 (2001).

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre , v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, Nov. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>.

MARTINS, Maria José. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, 18 (1), 93-105, 2005.

MORRONE B. (2016). **A violência em sala de aula**: uma análise no 1º ano do ensino fundamental da escola municipal. Acessado em 01/11/2017 <http://monografias.brasilescuela.uol.com.br/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm>

NJAINE K. e MINAYO M. C. S., Violência na escola: identificando pistas para a prevenção, SP, **Revista Interface (Botucatu)**, v7, n13, p.119-34, (2003).

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013 .Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 mar. 2021.

PEREIRA Sandra R. (2016) Violência atinge 42% dos alunos da rede pública. **Revista Época**. Acessado em 20/10/2017
<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/violencia-atinge-42-dos-alunos-da-rede-publica.html>

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, (2010).

Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção, (2012) **Revista Eletrônica do CEAFF**. Porto Alegre - RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol. 1, n. 2.

SOARES L. E., **Legalidade libertária**. Rio de Janeiro, Lumen Juris, (2006).

SOUZA M. R., Violência nas escolas: causas e consequências*. Aparecida de Goiânia- GO, **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**- Ano 2, n. 2 (2008).